



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 19 a 21 de setembro de 2013

ISSN 1982-3657



PESQUISA COM CRIANÇAS: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E A RELAÇÃO PESQUISADORA-CRIANÇAS NO BERÇÁRIO DA CRECHE^[1]

RafaelyKarolynnedo Nascimento Campos^[2]

Mayra Cristina Lima Oliveira^[3]

Eixo Temático – Educação e Infância

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa etnográfica com crianças e tem como principal objetivo analisar a entrada do pesquisador no campo de pesquisa, traçar comentários sobre a aceitação do pesquisador pelas crianças e pontuar o estabelecimento do status de participante do pesquisador nas formas de atuação do grupo social em contexto. Os sujeitos da investigação são crianças, com idades entre vinte e quatro e trinta meses, integrantes do Berçário III de uma instituição municipal de Educação Infantil da cidade de Aracaju/SE. Os dados foram produzidos na perspectiva etnográfica, através de gravações audiovisuais e descritos em situações denominadas de episódios. Esta investigação nos aponta pistas metodológicas que valorizam a criança, como ator social, que aprende nas relações com seus pares, capazes de interagir no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas.

Palavras-chave: Crianças, observação, relações sociais.

ABSTRACT

This paper presents an ethnographic research with children and has as main objective to analyze the input of the researcher in the field of research, draw comments on the acceptance of the researcher and the children punctuate the establishment of the status of participant researcher in the forms of social action group context. The research subjects are children, aged between half past twelve p.m. months Nursery III members of a municipal institution of Early Childhood Education of the city of Aracaju/SE. Data were produced in ethnographic perspective, through recordings and audiovisual described in situations termed episodes. This research points us clues methodological value the child as a social actor, who learns on peer relationships, able to interact in the adult world because they negotiate, share and create cultures.

KEY-WORDS: Children, observation, social relations.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O campo da sociologia da infância propõe o importante desafio teórico-metodológico de considerar as crianças como atores sociais que produzem cultura a partir da relação com o outro. William A. Corsaro,

pesquisador que se dedica a estudos sobre culturas infantis, desenvolve suas investigações a partir das relações entre as crianças, a vida destas e sua participação social.

Ao considerar a criança como um ator social e, conseqüentemente, como produtora de cultura, a criança deixa de ser vista enquanto sujeito isolado e começou a ser vista enquanto sujeito social, que aprende nas relações entre os pares, conforme Corsaro (2009).

Pesquisar com crianças e não sobre crianças como propõe o Corsaro (2009), exige do pesquisador pensar em metodologias que tenham foco nas vozes, olhares e ponto de vista das crianças em contextos específicos, com experiências específicas e em situações da vida real.

Para tal, Corsaro propõe o posicionamento do pesquisador como um “adulto atípico”, ou seja, destituído de poder, intrínseco ao adulto. Tal atitude permite uma relação de confiança com as crianças, o que lhe permite entrada no universo infantil e desta forma um olhar mais detalhado sobre as culturas infantis.

Diante do exposto, o presente relatório tem como principal objetivo apresentar as experiências oriundas de pesquisa com crianças, na perspectiva de analisar a entrada do pesquisador no campo de pesquisa, traçar comentários sobre a aceitação do pesquisador pelas crianças e pontuar o estabelecimento do status de participante do pesquisador nas formas de atuação do grupo social em contexto.

Tal pesquisa foi desenvolvida na EMEI Dr. Fernando Guedes, instituição de atendimento à infância de 0 a 3 anos da rede pública municipal de ensino, localizada na cidade de Aracaju/SE, no agrupamento etário Berçário III, que atende crianças de vinte e quatro a trinta meses.

A presente investigação enfoca mais particularmente a entrada no campo, a aceitação do pelas crianças do Berçário III, bem como o estabelecimento do *status* de participante do pesquisador.

Na sequência, este texto apresentará brevemente os delineamentos da trajetória metodológica.

TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS

A referida pesquisa está centrada na análise da participação social de crianças e caracteriza-se como uma pesquisa etnográfica, tal método para Corsaro (2009, p. 83) exige a imersão do pesquisador nas formas de vida do grupo, a partir da observação e participação de aspectos corriqueiros da vida diária como um membro do grupo.

Conforme Redin (2009, p. 116), “quanto mais detalhada e disciplinada for a observação etnográfica, a captura de dados, os instrumentos adequados, como gravações de vídeos, fotografias, tanto mais serão ampliadas as possibilidades de aproximação do grupo pesquisado”. Para a autora, essa observação permite a obtenção de dados empíricos que nos auxiliam de forma detalhada a detectar elementos que retratem os modos de atuação de grupo social em contexto.

As atividades realizadas junto ao grupo de crianças concentraram-se na observação, momento de aproximação com o contexto investigado, como sinaliza Corsaro (2009, p.84) ao afirmar que a pesquisa etnográfica envolve um trabalho prolongado no campo, mediante a observação intensiva.

Para captar as diversas situações da vida social e cultural experimentada na creche recorreremos à utilização de gravações audiovisuais, com as quais podemos realizar uma releitura dos episódios, buscando mais fidelidade às análises. Os dados coletados e produzidos na presente investigação foram analisados e discutidos demonstrando como se deu a aceitação e a interação social das crianças com a pesquisadora a partir de recortes que denominamos de episódios. O período de observação foi estruturado em três momentos, uma vez por semana, no turno da manhã do mês de maio do corrente ano.

Neste contexto, apresentaremos a seguir, elementos que destacamos dos processos de socialização

vivenciados, no tocante à entrada no campo, a aceitação e aproximações com as crianças da creche em tela da pesquisa.

RELAÇÃO PESQUISADORA-CRIANÇAS

Analisando a aproximação do adulto ao universo infantil Ades(2009, p. 132), destaca que:

Tudo começa pela entrada no grupo [...] ou pelo contato entre um adulto e uma criança. Há pré-requisitos para que o relacionamento se estabeleça. É preciso que o adulto desista um pouco, como no faz de conta, do poder que lhe confere o papel tradicional de adulto, como quem se agacha para falar com crianças, estabelecendo uma proximidade ao mesmo tempo física e simbólica.

Segundo a autora, aos olhos das crianças, esse adulto se destaca dos demais adultos controladores que estão à sua volta. É esse adulto “atípico” que ao penetrar no mundo da criança com sensibilidade e principalmente, com o desprendimento da visão adultocêntrica que se relaciona e permite a aproximação necessária para colher a riqueza dos momentos de interação com as crianças.

No primeiro contato com as crianças, a pesquisadora foi apresentada pela professora no momento da roda. A pesquisadora sentou-se no chão da sala e esperou que as crianças reagissem à sua presença, não demorou muito e logo elas começaram a se aproximar.

Logo nos primeiros contatos, as crianças demonstraram aceitação e proximidade social. As crianças olhavam, se aproximavam, sentavam no colo, ofereciam brinquedos e chamavam a pesquisadora de tia. Nos momentos de interação foram se estabelecendo relações de afeto e confiança entre a pesquisadora e as crianças e mediante essas relações percebemos que a pesquisadora fora aceita pelo grupo.

Nesse sentido, a pesquisa com crianças depende fundamentalmente da aceitação delas com o pesquisador, uma vez que o pesquisador não faz parte de seu cotidiano, sendo fundamental a aproximação com os sujeitos investigados. Tal aproximação é dada a partir da observação participante como ressalta Corsaro (2009, p.83).

Portanto, apresentaremos episódios que dão visibilidade às interações sociais estabelecidas pela pesquisadora e as crianças.

Episódio 01: As primeiras aproximações

Hugo se aproxima da pesquisadora, olha de cima a baixo. Dá as costas, enrola a alça da camisa e volta à roda onde estão as demais crianças e a professora assistindo um vídeo sobre água, Hugo presta atenção em poucos segundos do vídeo. Em seguida, caminha chutando um urso de pelúcia em direção à pesquisadora. Enquanto Hugo brinca com o urso em seus pés, se aproxima Amanda, correndo de um canto da sala até uma parede próxima onde a pesquisadora está sentada. A menina faz graça, gira, pula, dá risada, coloca a blusa que está vestida na boca. Neste momento, Hugo pega o urso que está brincando com os pés, e senta-se ao lado da pesquisadora, olha para a mesma, esboça um leve sorriso desconfiado e assiste ao vídeo exibido na televisão. No outro lado da sala, Joésio parece perceber a pesquisadora e levanta-se da roda e se aproxima, senta-se perto da pesquisadora. Em seguida, vai em direção alguns carrinhos de brinquedo no outro canto da sala, pega-os, caminha em direção à pesquisadora e parece oferecê-los a ela. Quando a pesquisadora, pergunta: “Pra mim” Joésio corre com os brinquedos para o mesmo local onde os encontrou e os deixa lá. Nesse instante, Hugo levanta-se e corre em direção aos brinquedos, pega-os e também oferece-os à pesquisadora. Hugo senta-se próximo à pesquisadora e brinca com os carrinhos, em seguida, oferece um deles à pesquisadora. A pesquisadora pega o brinquedo.

Conforme Redin (2009), na observação tudo é importante e depende muito do olhar e da escuta do pesquisador. Dentre inúmeras atividades que aconteciam na sala de aula, nos detemos a esta descrita acima. Apostamos na aproximação cautelosa de Hugo e tal aproximação nos faz pensar que enquanto pesquisadora que adentramos no campo para observar as formas de atuação deste grupo, somos também observados. A partir do momento que Hugo percebe a pesquisadora, toda ação do garoto parece girar em torno da observação de uma pessoa estranha no grupo. Sendo assim, ao mesmo tempo em que observamos, somos também observados, estabelecendo uma relação de interação entre pesquisador e criança, fazendo parte do processo de pesquisa junto com o objeto de estudo, as crianças.

No episódio relatado acima, percebemos algumas formas de aproximação utilizadas pelas crianças como, por exemplo, olhar, sorrir, tentar chamar a atenção. As crianças utilizam estratégias para compartilhar sinais comunicativos convidando a pesquisadora a participar de situações interativas com ela.

Vale ressaltar nesta situação a aproximação através do oferecer o brinquedo, como pontua Guimarães *apud* Rodrigues (2012, p. 71):

É comum que as crianças ofertem objetos e que apontem para coisas. Trata-se de formas de construção da relação social mediadas pelos objetos. O ato de dar e receber, que envolve aceitar e ser aceito, torna-se mais importante do que o objeto em si mesmo, por exemplo.

Episódio 02: Oi! - O primeiro diálogo

Miquéias encontra-se do lado oposto onde está a pesquisadora. Ao perceber a pesquisadora, que utiliza a câmera fotográfica para captar dados, Miquéias se aproxima e inicia um diálogo com a pesquisadora:

Miquéias: "Tia, tia".

Pesquisadora: Oi, oi.

Miquéias: é a foto aqui

Pesquisadora: É!

Miquéias se aproxima da câmera e diz: Oi.

Pesquisadora: Oi, sorria para a foto!

Nesse momento Miquéias olha para a câmera, coloca o dedo, olha através do visor a criança que está do outro lado e pergunta:

Miquéias: É quem ai

Pesquisadora: Quem é aqui Quem é aí

Miquéias: A menina.

Pesquisadora: A menina Qual o nome dessa menina Qual o nome dela

Miquéias sorri através do visor da câmera para a menina, que também retribui o sorriso através do aparelho fotográfico.

A situação interativa acima revela como Miquéias explora a câmera fotográfica. Percebemos que ao mesmo tempo em que a câmera possibilita o contato da criança com o objeto, oportuniza também relações sociais com a pesquisadora e da criança com seus pares.

Neste contexto, as interações desenvolvidas entre adulto e criança e esta com seus pares permitem a experimentação de situações atrativas, das quais as crianças podem compartilhar significados num contexto socioafetivo propício a formação de vínculos.

Episódio 3: Olha o Pica-pau!

Anne se aproxima da pesquisadora segurando um pica-pau (pelúcia), em seguida dirigindo à pesquisadora e oferecendo-lhe o brinquedo diz:

Anne: O pica-pau!

Pesquisadora: O pica-pau! Olha o pica-pau!

A criança oferece o pica-pau (brinquedo) e em seguida senta-se no colo da pesquisadora.

Nesta situação de aproximação social percebemos que há uma iniciativa comunicativa que surge da criança para a pesquisadora, através do oferecer o brinquedo. Mediante a iniciativa comunicativa da ação de ofertar e aceitar o objeto, a criança se sente tão aceita pela pesquisadora que logo, senta-se em seu colo, corroborando com as ideias de Guimarães *apud* Rodrigues (2012, p. 71) “[...] O ato de dar e receber, que envolve aceitar e ser aceito, torna-se mais importante do que o objeto em si mesmo, por exemplo.”

Episódio 4: Disputando o colo

Hugo se aproxima da pesquisadora, senta em seu colo e fica olhando para a pesquisadora. Anne se aproxima e senta no colo da pesquisadora junto com Hugo. Em seguida, Duda se aproxima querendo se sentar no colo também. As crianças começam a empurrar uns aos outros. A pesquisadora fala para o grupo: “Não vamos brigar, ok Agora fica Hugo, em seguida Anne e depois Duda, tá bom”. E assim as crianças, Anne e Duda saem do colo, para aguardar sua vez. Enquanto isso esperam sentadas próximo ao grupo.

Percebemos como as crianças começam a disputar o colo da pesquisadora e até brigar por ele, tal fato revela-se como mais uma forma de aceitação revelada pelas crianças com relação à pesquisadora.

Episódio 5: Miquéias e o par de brincos

Sentada no chão da sala junto a outras crianças, a pesquisadora acalenta em seu colo uma criança que chorava. De repente, a pesquisadora toca em sua orelha esquerda, e percebe que seu brinco não estava lá, logo começou a ficar preocupada, pois alguma criança poderia ter encontrado e colocado o brinco na boca. A pesquisadora então começa a procurá-lo um pouco angustiada, devido aos motivos expostos acima. Foi então que ela percebe que Miquéias olhar para ela de modo diferente. A pesquisadora toca em sua outra orelha e se dá conta que estava sem seu par de brincos e sem suas “porquinhas”. Como Miquéias olhava para pesquisadora de modo suspeito, ela pergunta:

Pesquisadora: Miquéias você viu meus brincos

Miquéias não me responde verbalmente, faz um movimento com a boca.

E desesperada, a pesquisadora pede: Abra boca Miquéias! Abra a boca!

Como ele não abriu, a pesquisadora abre sua boca e então encontra seu par de brincos e suas porquinhas dentro da boca de Miquéias.

Segundo Redin(2009, p. 118), “aproximar-se do universo infantil requer um olhar de revelação que precisa estar aberto à novidade, para os acontecimentos inusitados [...]”, como o caso de Miquéias em carregar os brincos da pesquisadora sem que esta percebesse. Pegar os brincos da pesquisadora torna-se

um momento de exploração, explorar situações significativas e agradáveis, com base nos interesses que ele tinha acerca daqueles que estão à sua volta.

Ressaltamos ainda a relação comunicativa de Miqueias através das intenções das expressões faciais, como nos lembra Rocha (2008, p. 45) “[...] a linguagem oral não é central nem única, mas fortemente acompanhada de outras expressões corporais, gestuais e faciais.” Nesse sentido, a autora sinaliza para alguns dos problemas encontrados na pesquisa com crianças, uma vez que faz-se necessário nos atentarmos às diferentes linguagens das crianças e os limites no grau de compreensão que podemos alcançar.

Episódio 6: Quer dançar comigo

Ao som de uma música Alex e Duda dançam sozinhos próximos à pesquisadora. Com um gesto de estender os braços ao ritmo da música, Alex convida Duda para dançar, tentando abraçá-la e em seguida tenta segurar suas mãos. Como Alex costuma agredir as crianças com mordidas, empurrões, beliscões, Duda recusa o convite reagindo com um som de desagrado, esquivando-se próximo à pesquisadora. Alex continua dançando. De repente, Alex avança sobre Duda para beijá-la, conhecedora das atitudes agressivas de Alex, a pesquisadora diz: Alex! (Com um tom de “pode parar”). Em seguida, Alex continua dançando sozinho.

No registro, a aproximação de Duda à pesquisadora mostra que a criança via a pesquisadora como alguém que supostamente ela confiava naquele momento para defendê-la das “agressões” de Alex. Conforme pontua Ades (2009):

[...] O adulto é um quebrador de galhos, um intermediário em relação a outros adultos, um cara que conhece histórias e truques, alguém capaz de pacificar brigas entre crianças pela sua própria presença ou de forma mais ativa, alguém capaz de proporcionar um afeto muito especial, despido de poder, mas não de diferença. Alguém que é aceito enquanto adulto no grupo de crianças por seguir as regras do contato entre mais velhos e mais novos e porque o grupo de crianças tem impressionante competência para assimilar membros diferentes, “atípicos”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado nos momentos dos episódios, a pesquisadora adentrou o campo de pesquisa, foi aceita pelo grupo e estabeleceu *status* de participante deste grupo ao vivenciar como um membro do grupo situações interativas junto às crianças. Percebemos também como as crianças estabelecem relações sociais com seus pares, desenvolvendo desde cedo relações de afeto e confiança, como demonstradas entre a pesquisadora e o grupo de crianças em contexto.

No conjunto de interações observado percebemos a importância do desenvolvimento do adulto “atípico”, desenvolvendo uma aproximação sensível para capturar momentos significativos que possam nos ajudar a entender a cultura de pares das crianças. Neste sentido, Rocha (2008, p. 47) sinaliza para:

[...] “ouvi-las” interessa ao pesquisador e ao educador como forma de conhecer e ampliar sua compreensão sobre as culturas infantis – não só como fonte de orientação para a ação, mas sobretudo como forma de estabelecer uma permanente relação comunicativa – de diálogo intercultural – no sentido de uma relação que se dá entre sujeitos que ocupam diferentes lugares sociais.

Esta investigação nos aponta pistas metodológicas que valorizam as crianças e apontam olhares,

envolvendo as crianças como atores do processo, pois são capazes de interagir no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas.

Por fim, esta pesquisa com as crianças, nos permitiu adentrar nas rotinas dos sujeitos investigados e ir participando com as crianças de comunicações afetivas, de diálogos baseados em expressões corporais e em ocasiões significativas para as crianças, sem invadir a cultura do outro, buscando acima de tudo o respeito e a possibilidade de conhecê-las e estabelecer relações sociais e por meio destas relações, aprender através da interação com as crianças, com quem temos muito a aprender.

As crianças são entendidas como atores ou sujeitos sociais que interagem com o mundo, com as coisas, com as palavras, com a arte, etc. Dessa forma, produzem culturas a partir das suas singularidades e na relação com o adulto, e com aquilo que podemos chamar de “o fora” (entendido como aquilo que está fora da criança, o exterior). (OLIVEIRA e TEBET, 2010, p. 39).

REFERÊNCIAS

ADES, César. Um adulto atípico na cultura das crianças. In: Müller, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 127 – 135.

CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: Müller, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 31-50.

_____. Métodos Etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In: Müller, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 83-103.

OLIVEIRA, Fabiana de. TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos. Cultura da Infância: brincar, desenho e pensamento. In: ABROMOWICZ, Anete (et al.). **O plural da infância**: aportes da sociologia. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 39 – 55.

REDIN, Marita Martins. Crianças e suas culturas singulares. In: Müller, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs.). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009. p. 115 - 126.

ROCHA, Eloisa AciresCandal. Por que ouvir crianças Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43 – 51.

RODRIGUES, ThamisaSejanny de Andrade. **Recursos Sociocomunicativos utilizados por Bebês em Práticas Pedagógicas no Berçário da Creche**. 2012. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe.

[1]Trabalho desenvolvido e elaborado durante a disciplina Pesquisa com Crianças em Contextos Educativos vinculada ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação– NPGED/UFS, ministrada pela Profª.Drª. Tacyana

Karla Gomes Ramos no semestre letivo 2013/1.

[2]Pedagoga pela Universidade Federal de Sergipe e Especialista em Gestão Educacional – Pedagoga do Instituto Federal de Sergipe. E-mail: rafakarolynne@yahoo.com.br

[3]Pedagoga e Mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA/UFS. E-mail: mayrapedago@hotmail.com.